



Mulheres e agroecologia: uma análise do engajamento político das mulheres camponesas a partir da música “sem medo de ser mulher”.

Women and Agroecology: an analysis of the political engagement of rural women based on the song “Sem medo de ser mulher”.

BARBOSA, Frankeliny Duarte¹; PEREZ, Thaís Mendes Magalhães²; COUTINHO, Célio Ribeiro³, ALENCAR, Benedito Montenegro⁴, SILVA, Thais Gabrielly Maria⁵

¹Universidade Estadual do Ceará, e-mail: frankeliny.duarte@aluno.uece.br; ²Universidade Estadual do Ceará, e-mail: thaism.magalhaes@uece.br; ³Universidade Estadual do Ceará, e-mail:

celio.coutinho@uece.br; ⁴Universidade Estadual do Ceará, e-mail: benedito.alencar@uece.br;

⁵Universidade Estadual do Ceará, e-mail: thaisinha.gabrielly@aluno.uece.br

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a relação da música “Sem medo de ser mulher” com o engajamento das mulheres na defesa da agricultura camponesa de perspectiva agroecológica. O estudo consiste em uma pesquisa de natureza bibliográfica fundamentada em autoras que analisam a luta camponesa e agroecológica das mulheres à luz do pensamento feminista. A música em análise é uma referência para muitas mulheres camponesas ativas nos movimentos em defesa da terra, e traz à tona a importante participação das mulheres nos diversos segmentos de lutas sociais, em especial a luta camponesa, reconhecendo-as como membras ativas do movimento agroecológico, em busca de seus direitos historicamente ignorados e pela igualdade de gênero. As conclusões preliminares apontam para a relação entre os versos da composição e a posição das mulheres nos movimentos sociais rurais, demonstrando a necessidade da militância das mulheres e também a sua histórica invisibilização.

Palavras-chave: mulheres; luta camponesa; igualdade de gênero.

Introdução

Esta pesquisa é fruto de reflexões oriundas de perspectivas e origens camponesas, e está sendo desenvolvida no Projeto de Iniciação Artística “Poesia e Emancipação Humana”, vinculado ao Laboratório Universitário de Educação Popular, Trabalho e Movimentos Sociais (LUTEMOS), da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI), Universidade Estadual do Ceará (UECE) no ano de 2023.

A desigualdade de gênero ainda é uma das estruturas vigentes da nossa sociedade; no campo, os aspectos que a compõem se manifestam de maneira expressiva, visto que muitas vezes as mulheres são o braço forte da propriedade, mas acabam sendo consideradas apenas ajudantes, o que gera invisibilidade do trabalho feminino na agricultura, nas lutas políticas, entre outros. Reflexos de construções históricas e



sociais que naturalizam e justificam a exploração, a opressão e a violência contra as mulheres.

Emma Siliprandi (2015, p. 40) salienta que “é importante resgatar a capacidade das mulheres, em diferentes épocas históricas, de se constituírem como sujeitos políticos, engendrando teorias e lutas emancipatórias. [...]”. Quando nos referimos à agroecologia na perspectiva das mulheres, nota-se uma prática que, na maioria das vezes, é “cega” com relação à desigualdade de gênero. A agroecologia propõe transformações, um novo modo de vida, uma forma mais harmônica de trabalhar com a natureza para a obtenção do desenvolvimento rural desejado, uma agricultura que seja respeitadora dos limites do meio natural, que nos permita sobreviver e ter dignidade. Porém, pouco se dá atenção para as desigualdades de poder que existem dentro dos vários setores desse meio.

É fundamental destacar que as mulheres sempre estiveram presentes na construção dos movimentos agroecológicos no Brasil e em outras partes do mundo, nos grupos produtivos, nas cooperativas e nas associações. Elas também têm incorporado o feminismo nas pautas políticas dos movimentos sociais, não apenas referindo-se à necessidade de igualdade formal nas políticas públicas, por exemplo, mas também ao reconhecimento das mulheres como lideranças, ao reconhecimento das propostas, temas e problemas que elas apresentam para o movimento.

Este trabalho parte dessa compreensão e constitui-se em torno da seguinte problemática: qual a importância da histórica canção “Sem medo de ser mulher”, de autoria do cantor e compositor Zé Pinto, para o movimento agroecológico, nas perspectivas feministas e da luta de classes? Dessa forma, este estudo tem como objetivo analisar a relação da música com o engajamento das mulheres na defesa da agricultura camponesa de perspectiva agroecológica.

Metodologia

O trabalho configura-se a partir de pesquisa bibliográfica realizada com publicações ligadas à temática de mulheres, feminismos e agroecologia. Segundo Boccato, a pesquisa bibliográfica “[...] busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas” (2006, p. 266).

Inicialmente, foi realizada uma revisão de literatura, por meio de artigos científicos escritos por autoras feministas e outros trabalhos publicados sobre a temática no site oficial de estudos agroecológicos <http://www.agroecologia.org.br>. Este estudo tem como base principal a análise da música “Sem medo de ser mulher”, a partir da qual irá se realizar uma reflexão sobre a letra e o engajamento das mulheres na



agroecologia, tendo como referenciais as literaturas pesquisadas através do método da pesquisa bibliográfica.

Resultados e Discussão

A música “Sem medo de ser mulher” é uma composição feita por Zé Pinto para o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). A concepção tradicional sobre as mulheres, na nossa sociedade, dita que elas são mais frágeis, medrosas e que pouco ou nada participam das lutas sociais, devendo ocupar-se, principalmente, com a família e os afazeres domésticos. No entanto, no MST essa condição se altera, visto que no movimento a participação da mulher é amplamente necessária e contínua.

A letra da música é a que se segue:

Porque a luta não é só dos companheiros/ Participando sem medo
de ser mulher/ Pisando firme sem medir nenhum segredo/
Participando sem medo de ser mulher/ Pra mudar a sociedade do
jeito que a gente quer/ Participando sem medo de ser mulher/ Pois
sem a mulher a luta vai pela metade/ Participando sem medo de ser
mulher/ Fortalecendo os movimentos populares/ Participando sem
medo de ser mulher/ Na aliança operária e camponesa/ Participando
sem medo de ser mulher/ Pois a vitória vai ser nossa com certeza/
Participando sem medo de ser mulher. PINTO, Zé.

À guisa de primeiros apontamentos sobre a composição e o engajamento feminino, observa-se que o autor da letra enfatiza, na primeira estrofe: “A luta não é só dos companheiros”, isto é, dos homens, como pode parecer, a princípio, tendo em vista a presença historicamente invisibilizada das mulheres nos movimentos sociais, de modo geral.

Na canção, há uma repetição do verso “Participando sem medo de ser mulher”, o que sustenta a ideia da necessidade de valorização e participação da mulher na sociedade, a se construir através de novas práticas de equidade de gênero. Não é preciso “ter medo” de ser mulher, já que ser mulher, no contexto da canção, passa a ser visto como uma força a ser mobilizada para a libertação de todos os trabalhadores. Assim, podemos perceber que os movimentos sociais camponeses, em seu histórico de luta, têm e tiveram a presença do protagonismo feminino durante a sua construção, que vem se fortalecendo na busca constante por direitos políticos e por autonomia das mulheres camponesas. Nesse sentido, Schwendler (2009) destaca:

A participação das mulheres nas diferentes instâncias na luta pela terra, assumindo uma identidade própria, como —mulheres sem-terra têm possibilitado a transgressão de sua invisibilidade



social e política. Segundo Pinto (1992), com a inserção das mulheres nos movimentos sociais de caráter popular, elas deixam de atuar apenas nos limites do privado, provocando novas relações no interior da família e seu entorno; passam a articular, no âmbito do movimento, lutas diferenciadas em relação aos homens, como é o caso do Coletivo de Gênero, criado em 1996 dentro do MST, e, ainda, passam a questionar a própria condição de mulher. (SCHWENDLER, 2009, p. 208).

As circunstâncias que as mulheres foram submetidas, em termos de opressão, são perceptíveis em qualquer observação de suas realidades concretas, o que tem raízes na nossa organização patriarcal e as afeta não apenas através das instituições que as negligenciam e violentam, mas também através dos homens de seu convívio, familiares e companheiros, que muitas vezes reforçam a sua posição de subalternidade. No entanto, as mulheres engajadas não se entendem como impreterivelmente submetidas pelo patriarcado às condições precárias e históricas de sua existência, e buscam se posicionar ativamente contra os sistemas de opressão que tentam submetê-la.

No esteio dessa reflexão, o compositor enfatiza a demanda pela união entre trabalhador e trabalhadora para que a luta de fato tenha resultados: “Pois sem mulher a luta vai pela metade” ou seja, a luta só é sólida e completa se houver a participação da mulher.

Quando o compositor utiliza a expressão “Na aliança operária-camponesa” ele evidencia o “operário” que é o trabalhador da cidade e o “camponês” que é o trabalhador que vive e trabalha no campo. Desse modo, ele atribui essa aliança como uma condição necessária para a luta, um eixo para guiar os trabalhadores, e essa conquista só se dá com a participação de todos, homens e mulheres operários e camponeses. Iridiani Seibert et al (2021) enfatizam que:

No campo, em uma perspectiva continental e mundial, as mulheres foram se organizando a partir de suas distintas realidades, mas com a necessidade comum de enfrentar a origem da opressão de gênero que está no cerne da sociedade de classes, que através do patriarcado foi perpetuando a divisão sexual do trabalho pelos diferentes modos de produção. (SEIBERT, 2001, p. 410).

O feminismo, coadunado ao pensamento ecológico e agroecológico, traz uma nova concepção de relações humanas de produção e reprodução da humanidade, a partir da emancipação das mulheres. A união dessas linhas de pensamento e práticas visam constituir uma nova proposta de relação com a natureza, uma proposta ontológica de constituição e resgate do que nos torna humanos, por meio de novos paradigmas produtivos, nos quais podemos citar a não exploração e esgotamento da terra, a relação de respeito à agrossistemas, e a produção ecológica do ciclo da natureza, sem dependência do mercado industrial de agrotóxicos.



Conclusões

O feminismo e a agroecologia são componentes que se complementam e que devem andar entrelaçados para a constituição de formas mais igualitárias de socialização, tendo em vista um modelo antagônico aos conservadorismos sexistas, patriarcais e latifundiários, que nos violentam dentro do modo de produção capitalista a partir das práticas neoliberais e neoextrativistas do agronegócio. Todo esse contexto está relacionado diretamente à exaustão mental e física da mulher no seu papel social de cuidadora – dentro da forçosa divisão sexual do trabalho – e também enquanto trabalhadora rural.

As mulheres agricultoras trabalham indistintamente, tanto na produção, como na conservação e transformação dos alimentos, além da comercialização. Ainda assim, elas não são sempre reconhecidas como produtoras rurais, e é muito comum que elas não participem como lideranças nos movimentos agroecológicos, nas discussões de políticas públicas. A música “Sem medo de ser mulher” traz uma reflexão a respeito de que as mulheres são sujeitos políticos, elas também estão presentes, participando dessas atividades e agregando por meio de experiências, conhecimentos e ideias que devem ser consideradas e são importantes para a continuidade, enraizamento e florescimento da luta dos trabalhadores rurais. Trata-se de uma composição que impulsiona as mulheres à luta e demarca a sua posição imprescindível nos movimentos sociais; demonstra, também, principalmente através do verso “a luta não é só dos companheiros”, que a luta costuma ser vista muito mais como pertencente aos companheiros, o que evidencia a necessidade de incentivar a participação feminina.

Referências bibliográficas

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. Ver. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 02 de jun. 2023.

SCHWENDLER, Sônia Fátima. A Participação da Mulher na Luta pela Terra: dilemas e conquistas. In: MANÇANO, Fernandes, MEDEIROS, Leonilde Servolo, PAULILO, Maria Ignez (Orgs). **Lutas Camponesas Contemporâneas: condições, dilemas e conquistas**, v.2: a diversidade das formas das lutas no campo – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

SEIBERT, Iridiani Graciele; GUEDES, Lizandra; MAFORT, Kelli. Feminismo camponês e popular. In: DIAS, Alexandre Pessoa; STAUFFER, Anakeila de Barros; MOURA, Luiz



Henrique Gomes de; VARGAS, Maria Cristina (orgs). **Dicionário de agroecologia e educação**. 1. Ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Expressão Popular, 2021, p. 409-423.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Editora UFRJ, 2015.